"TWITTANDO" SOBRE OS JOGOS PARALÍMPICOS RIO/2016: UMA ANÁLISE DO SENTIMENTO PARALÍMPICO SOB O PONTO DE VISTA DE INTERNAUTAS

"TWEETING" ON THE PARALYMPIC GAMES RIO/2016: AN ANALYSIS OF THE PARALYMPIC SENSE FROM THE POINT OF VIEW OF INTERNET USERS

Silvan Menezes dos Santos
Universidade Federal do Paraná (UFPR)
Curitiba, Paraná, Brasil
bammenezes90@gmail.com

Antonio Luis Fermino
Universidade Federal do Paraná (UFPR)
Curitiba, Paraná, Brasil
antonioluisf@gmail.com

Bianca Natália Poffo
Universidade Federal do Paraná (UFPR)
Curitiba, Paraná, Brasil
bia.poffo@hotmail.com

Éliton Clayton Rufino Seára
Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC)
Florianópolis, Santa Catarina, Brasil
elitonseara@gmail.com

Resumo. O esporte paralímpico ao longo dos anos vem ganhando visibilidade nos diferentes meios de comunicação e, junto a este crescimento, a participação do público como consumidor e produtor da informação também ganha destaque pela interação permitida através da convergência digital. Assim, este estudo teve como objetivo caracterizar conteúdos que foram produzidos e circularam acerca do esporte e dos atletas paralímpicos durante a abertura e encerramento dos JP do Rio/2016 na rede social Twitter. Realizamos uma pesquisa observacional e descritiva a partir das hashtags oficiais do canal aberto Tv Brasil e do canal por assinatura Sportv, emissoras oficiais do megaevento (#vemprapara e #jogosparalimpicosnoSportv, respectivamente), durante os dias anteriores e os dias de realização das cerimônias de abertura e encerramento dos JP, os dias 06, 07, 17 e 18 de setembro de 2016. Concluímos que as postagens revelaram um sentimento de emoção, afeto e encantamento ou de reconhecimento das capacidades e habilidades dos atletas, como também uma crítica à formatação do esporte paralímpico como espaço de inclusão e acessibilidade.

Palavras-chave: esporte paralímpico; sentimento paralímpico; mídia; redes sociais.

Abstract. Paralympic sport over the years has been gaining visibility in the different media, and along with this growth, the participation of the public as consumer and producer of information is also highlighted by the interaction allowed through the digital convergence. The purpose of this study was to characterize the contents that were produced and circulated about the sport and paralympic athletes during the opening and closing of the JP of Rio / 2016 on the social network Twitter. We conducted an observational and descriptive research based on the official hashtags of the open channel Tv Brasil and the cable channel Sportv, official stations of the megaevento (#vemprapara and #jogosparalimpicosnoSportv, respectively), during the previous days and the days of the opening and closure ceremonies of the JP, on 06, 07, 17 and 18 of september of 2016. We conclude that the postings revealed a sense of emotion, affection and enchantment, or recognition of athletes' abilities and skills, as well as a critique of the formatting of paralympic sport as a space of inclusion and accessibility.

Keywords: Paralympic Sport; Paralympic Feeling; Media; Social Networks.

INTRODUÇÃO

> A cultura esportiva é o conjunto de ações, valores e compreensões que representam o modo predominante de ser/estar na sociedade globalizada, em relação ao seu âmbito esportivo, cujos significados são simbolicamente incorporados através, principalmente, da mediação feita pela indústria da comunicação de massa (PIRES, 2002, p. 42).

O esporte paralímpico, como uma manifestação do esporte na contemporaneidade e como um subcampo do campo esportivo, consequentemente tem passado por um crescente processo de midiatização e espetacularização (MARQUES; GUTIERREZ, 2014). Ou seja, a cultura esportiva paralímpica, o conjunto de ações, valores e modos de compreender esta manifestação esportiva têm sofrido forte influência do discurso midiático que a veicula. Frente a isso, estudiosos têm desenvolvido chaves interpretativas e categorias de investigação para compreender o que a mídia costuma valorizar e/ou desvalorizar com relação ao esporte para pessoas com deficiência e paralímpico (DE LÉSÉLEUC; PAPPOUS; MARCELLINI, 2009). No geral, os estudos estão sendo desenvolvidos por compreenderem que a mídia é uma potente colaboradora no processo de estigmatização e/ou desestigmatização dos atletas com deficiência (DE LÉSÉLEUC; PAPPOUS; MARCELLINI, 2010).

Estudos sobre a abordagem da mídia com relação ao esporte para pessoas com deficiência e ao esporte paralímpico já estão sendo desenvolvidos há algum tempo no Brasil e principalmente fora do país. Através de investigações desenvolvidas em realidades e contextos diversos, identificou-se que os atletas com deficiências e/ou paralímpicos são retratados no discurso midiático por diferentes estigmas. Por vezes eles são vitimizados pelas suas próprias deficiências ou pelas suas histórias de vida (DE LÉSÉLEUC; PAPPOUS; MARCELLINI, 2009; DE LÉSÉLEUC; PAPPOUS; MARCELLINI, 2010; HILGEMBERG, 2014; TYNEDAL; WOLBRING, 2013). Em outros casos a mídia também os retrata saindo dessas condições de vítimas, ou coitadinhos, alçando eles a uma condição de super-heróis, ou de supercrips (GONÇALVES; ALBINO; VAZ, 2009; HARDIN; HARDIN, 2004; HILGEMBERG, 2014; HOWE, 2011; MARQUES, 2016; SILVA; HOWE, 2012; TYNEDAL; WOLBRING, 2013). Além dessas duas formas, estudos também identificaram que a cobertura midiática veicula alguns discursos que promovem a infantilização desses atletas ou a trivialização da trajetória esportiva dos mesmos (DE LÉSÉLEUC; PAPPOUS; MARCELLINI, 2009; DE LÉSÉLEUC; PAPPOUS; MARCELLINI, 2010; PAPPOUS; MARCELLINI; DE LÉSÉLEUC, 2011a, 2011b).

Estas investigações já desenvolvidas têm enfocado em análises do discurso midiático-esportivo veiculado pelos meios de comunicação de massa tradicionais, como jornais (ex. BUYSSE; BORCHERDING, 2010; CHANG et al., 2011; DE LÉSÉLEUC; PAPPOUS; MARCELLINI, 2009; PAPPOUS et al., 2007, 2009; THOMAS; SMITH, 2003; TYNEDAL; WOLBRING, 2013; ZHAO, 2008) e revistas (ex. HARDIN; HARDIN, 2005). Alguns outros estudos têm incluído ou enfocado as análises no discurso veiculado por mídias digitais, como portais de notícias (ex. BRUCE, 2014; FIGUEIREDO, 2014; NOVAIS; FIGUEIREDO, 2010; ZOBOLI et al., 2014, 2016). Porém, até o momento da publicação deste estudo, não encontramos investigações que tivessem considerado a participação e comentários do público/internautas na cobertura midiática do esporte paralímpico1, nem em portais de notícias, nem em mídias sociais (ex. blogs ou redes sociais). Desse modo, pela forma como têm se desenvolvido os estudos sobre a temática, muito se sabe sobre "o que" e "como" a mídia de massa veicula o esporte e o atleta paralímpico, mas não temos conhecimento sobre como o público percebe, compreende e o que valoriza acerca dessa manifestação esportiva a partir da mediação cultural que a mídia faz.

No tempo em que vivemos, há de se considerar que a mediação feita pelos meios de comunicação de massa acerca dos valores, símbolos e modos de compreender as diferentes manifestações da cultura na sociedade, assim como o esporte, tem ganhado novos contornos com o vertiginoso desenvolvimento das mídias digitais e sociais. Estes novos meios de comunicação têm se caracterizado por conseguir congregar as diversas mídias de massa tradicionais em uma mesma plataforma, na internet; por possibilitar a participação do público, até então unicamente consumidor, agora também como produtores de conteúdo midiático; por abrir espaço para um intenso e permanente debate acerca do cotidiano social, tanto da vida privada como da vida pública; assim como por proporcionar a transcendência da narrativa midiática através de diferentes plataformas de comunicação, passando desde os meios de comunicação de massa e levando-a até as mídias sociais em um percurso dialógico de comunicação social.

Jenkins (2009) caracteriza este paradigma comunicacional que estamos vivendo no contexto das mídias digitais e sociais através do conceito de cultura de convergência. Este conceito caracteriza a ocorrência de três processos de transformação social que têm ocorrido concomitantemente. Um deles é a convergência dos diferentes meios de comunicação de massa tradicionais (jornais, revistas, rádios e televisões) para o universo digital da internet, podendo eles coexistirem através "de" e "em" uma mesma plataforma. O segundo é o rompimento das fronteiras entre produtores e consumidores do discurso midiático através das mídias sociais, nas quais a relação unilateral da mídia de massa se esvai diante da possibilidade de todos serem produtores de mídia, caracterizando a cultura participativa. Por fim, o terceiro é o processo de desenvolvimento do permanente debate público acerca de fenômenos sociais, promovendo assim a inteligência coletiva.

Para Scolari (2013), além dos elementos apontados por Jenkins (2009), a comunicação social na contemporaneidade se caracteriza também por ocorrer através de uma narrativa transmidiática. Nesta narrativa, produzida no universo das mídias digitais e sociais, há uma tendência em ocorrer uma composição e complementaridade das informações por parte do público. Público este que, pelo fato de ser além de um consumidor, ser também um produtor, um prosumer (expressão em inglês para caracterizar a junção dos

[1] São conhecidos alguns estudos que investigaram a participação do público via mídias sociais, porém que estão relacionados a outros fenômenos ligados ao esporte, como megaeventos esportivos: a Copa do Mundo de futebol masculino FIFA (CRUZ JUNIOR; FERMINO; PIRES, 2015) e os Jogos Olímpicos (PEREIRA et al., 2015); ou também a mobilização popular pela queda do ex-dirigente da Confederação Brasileira de Futebol, Ricardo Teixeira (MENDES et al., 2013).

papéis de produtor e de consumidor), pode assim acabar pautando a própria mídia de massa, deixando de ser unicamente pautado por ela.

Em síntese, o que se evidencia neste contexto de cultura comunicativa convergente e transmidiática é que, no caso do esporte e do esporte paralímpico por exemplo, os valores, os símbolos e os modos de compreendê-los ganham novas características, novas possibilidades interpretativas, novos sentidos. Assim, o cenário, as cenas, os atores, o enredo e todos os elementos que compõem o tradicional (tele)espetáculo esportivo podem ganhar inúmeras versões a serem contadas e compreendidas através dessa transcendência das diferentes narrativas midiáticas na contemporaneidade. Ou seja, se por vezes a mídia de massa produz e reproduz estigmas de super-heróis, de vítimas e/ou de infantilizados acerca dos atletas com deficiência, torna-se necessário saber como o público, agora prosumer, produz, consome, compartilha, reproduz e faz circular os conteúdos e imagens acerca dessa manifestação esportiva nas redes sociais de comunicação.

Diante do exposto, o problema de pesquisa desta investigação se concentrou em questionar: Quais valores, símbolos e modos de compreender o esporte e os atletas paralímpicos foram produzidos, reproduzidos e circularam na rede social Twitter2, durante a cobertura midiática da abertura e do encerramento dos JP Rio/2016? Nesse sentido, o objetivo da pesquisa foi caracterizar conteúdos que foram produzidos e circularam acerca do esporte e dos atletas paralímpicos durante a abertura e encerramento dos JP do Rio/2016 na rede social Twitter.

PERCURSO E ESTRATÉGIAS METODOLÓGICAS

Este estudo foi desenvolvido como uma pesquisa observacional e descritiva com abordagem qualitativa dos dados. A investigação faz parte de um projeto de pesquisa coletivo do Laboratório e Observatório da Mídia Esportiva (LaboMídia)[3], que se propõe a investigar a narrativa transmídia acerca dos Jogos Olímpicos e Paralímpicos Rio/2016.

Em um primeiro momento, identificamos as *hashtags*[4] vinculadas e sugeridas pela cobertura midiática das emissoras oficiais e detentoras dos direitos de transmissão dos Jogos Paralímpicos (JP) no Brasil, neste caso a Globosat através do seu canal por assinatura, Sportv, e o canal aberto de televisão pública, Tv Brasil. Respectivamente, as *hashtags* oficiais foram #jogosparalimpicosnoSportv e #vemprapara. No segundo momento mapeamos as publicações e compartilhamentos, *twetts*[5] e *retwetts*[6], que circularam no Twitter com o uso dessas *hashtags*. Os dados foram recolhidos durante os dias 06, 07, 17 e 18 de setembro de 2016, respectivamente dia anterior a abertura, dia da cerimônia de abertura, dia anterior ao encerramento e dia da cerimônia de encerramento dos JP. A escolha por estes períodos de investigação está relacionada à viabilidade da busca e do recolhimento dos dados, pois como este trabalho foi realizado de maneira manual, ou seja, sem o auxílio de softwares de mineração de dados, elencamos dois momentos dos JP que pudessem expressar de maneira intensa as opiniões dos usuários da rede social sobre o evento, sobre os atletas e sobre os discursos produzidos, visto o elevado volume de conteúdo compartilhado nas redes durante o acontecimento destes megaeventos esportivos[7]. Além disso, as cerimônias de abertura e encerramento normalmente são momentos emblemáticos dos megaeventos esportivos que geram grande repercussão e participação do público via redes sociais. No total foram 662 postagens com as duas *hashtags* durante o período analisado. Na tabela abaixo apresentamos a distribuição das postagens por dia e pelas *hashtags*.

Para organização e análise dos dados recolhidos, adotamos as estratégias metodológicas da análise de conteúdo previstas por Bardin (2009). No primeiro passo realizamos uma leitura flutuante de todo o

---

[2] Rede social que possui uma limitação de 140 caracteres e caracteriza-se como um microblogging. Link: twitter.com.

[3] www.labomidia.ufsc.br

[4] São compostas por uma ou mais palavras antecedidas pelo símbolo conhecido popularmente denominado de "jogo da velha" (#) e se transformam em hiperlinks podendo ser indexados pelos mecanismos de busca.

[5] Nome dado as postagens realizadas pelos usuários do Twitter.

[6] Replicação de uma postagem realizada por outro usuário.

[7] Por exemplo, os Jogos Olímpicos de 2016 foi um dos assuntos mais comentados nas redes sociais durante todo o ano de 2016. No caso do Twitter, em específico, os Jogos de 2016 ficou em primeiro lugar, à frente de grandes e polêmicos acontecimentos políticos como as eleições dos Estados Unidos da América. No caso do Facebook Brasil em 2016, os Jogos Olímpicos do Rio também ficaram entre os 10 assuntos mais comentados na rede, perdendo somente para a repercussão do Golpe/Impeachment da Presidente Dilma Roussef. Para conhecer os dados, acessar: <https://g1.globo.com/tecnologia/noticia/impeachment-jogos-olimpicos-e-pokemon-go-sao-assuntos-mais-falados-no-facebook-do-brasil-em-2016.ghtml> e <https://g1.globo.com/tecnologia/noticia/olimpiada-do-rio-e-assunto-mais-comentado-no-twitter-em-2016.ghtml>. Ambos os links acessados em 07/12/2017.

conteúdo identificado nos dados[8]. No segundo momento fizemos uma primeira organização dos dados por unidades de registro, identificando convergência de conteúdos nas diferentes postagens para posteriormente definirmos categorias de análise dos dados recolhidos. Na sequência do texto apresentamos os dados organizados em suas respectivas categorias e ressaltamos que, para efeito de ilustração dos dados que encontramos, não seria possível apresentar todos os *twetts* identificados, assim, selecionamos apenas alguns exemplos emblemáticos que serão apresentados a seguir.

Tabela 1. Volume de postagens por dia analisado

Hashtag \ Dia	06/09/16	07/09/16	17/09/2016	18/09/2016	TOTAL
#jogosparalimpicosnoSportv	3	248	61	51	**363**
#vemprapara	18	248	13	20	**299**
TOTAL	**21**	**496**	**74**	**71**	**662**

Fonte: Produção dos autores.

APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS DADOS: O DESPERTAR DE UM SENTIMENTO PARALÍMPICO

Dentro da especificidade a que se refere este estudo, procuramos caracterizar aquilo que denominamos como o despertar de um sentimento paralímpico junto ao público/internautas no contexto da realização dos JP Rio/2016. Elencamos quatro categorias que revelam diferentes formas de manifestação desse sentimento do público com relação ao esporte e aos atletas paralímpicos, foram elas: 1 – Emoção; 2 – Estigmas; 3 – Capacidades e habilidades; 4 – Inclusão ou segregação social.

Emoção

Na maior parte das postagens que enquadramos nesta categoria foi predominante o tom emocionado e afetuoso que o público manifestou pelos Jogos e pelos atletas paralímpicos. Beleza, amor, corações, *emotions* com olhos de apaixonados, choro, estas foram algumas formas de expressão emocionada que os internautas publicaram para falar dos atletas paralímpicos. Como podemos visualizar na figura 1 abaixo, os internautas utilizaram a rede e a interatividade das *hashtags* para destacar a emoção que o início do megaevento esportivo para pessoas com deficiência provocava neles.

Esta emoção exposta pelos consumidores dos JP Rio/2016 pode estar relacionada àquilo que Betti (2001) afirma ser uma característica do (tele)espetáculo esportivo, que é a potencialização e predominância da dimensão da emoção sobre a dimensão da razão na veiculação hegemônica do discurso midiático-esportivo. Nesse sentido, nós, como público consumidor que historicamente teve o contato cotidiano com o fenômeno esportivo mediado pela mídia de massa, estaríamos condicionados a hipertrofiar o lado emocional do universo do esporte, nesse caso do esporte paralímpico, em prejuízo de uma hipostasia do lado racional que circunda e permeia esse mesmo fenômeno, como questões sociais, culturais, políticas e econômicas existentes ali. É a fragmentação e a superficialidade do que poderia ser a inteireza do esporte na mídia (BETTI, 2001).

O potencial emotivo do esporte e dos atletas paralímpicos por si só, sob esse ponto de vista do condicionamento do público através da mediação hegemônica da mídia de massa, sobretudo da televisão, pode ser a materialização do poder simbólico exercido pelos mecanismos da indústria cultural na conformação dos nexos simbólicos, ou modos de ler e compreender dos consumidores do esporte. Ou seja, nos acostumamos a ver e consumir esporte através da mídia. Nossos valores, símbolos e modos de entender o esporte na contemporaneidade são formados, principalmente, pela mediação feita pelos meios de comunicação de massa (PIRES, 2002). Assim, se o enfoque predominante sempre foi no aspecto emocional do universo esportivo, não seria diferente com o esporte paralímpico. Se a falação esportiva sempre criou as expectativas pela vitória, elegeu ídolos, prometeu emoções e, quando possível, dramatizou os fatos do esporte (BETTI, 2001), os modos como o público viria a fazer a leitura do esporte paralímpico como uma "nova" manifestação do fenômeno esportivo na contemporaneidade, dificilmente seria distante de uma perspectiva mais emotiva.

[8] Estes dados foram organizados na íntegra em um arquivo Microsoft Word.



Figura 2. Exemplos de postagens da categoria Emoção**. Fonte:** twitter.com

Martín-Barbero (2004; 2009) argumenta que possuímos nexos simbólicos para leitura e interpretação dos diversos fenômenos da nossa cultura que são conformados e estabelecidos nas nossas matrizes culturais. São gramáticas de ação – do escutar, do ler, do olhar – expressas nos sentidos humanos, que

materializam as nossas competências de recepção do discurso midiático dentro do universo comunicativo que vivemos. Competências essas que são formadas por dois elementos. O primeiro elemento são os usos sociais que fazemos das diferentes mídias, seja rádio, jornal, revistas, cinema, internet, e aqui ressaltamos a hegemonia da televisão no caso do esporte, como forma e meio tradicional de apropriação cultural do fenômeno esportivo na sociedade moderna e contemporânea. O outro elemento são as múltiplas trajetórias de leitura que possuímos e estão relacionadas à determinantes sociais como etnia, classe, gênero, nível educacional, hábitos familiares, e outros. "Seriam os traços interpretativos desenhados de acordo com uma cadência e um padrão estético definido pelo próprio sujeito em todo o processo de consumo midiático, antes, durante e depois, com interferências diretas e indiretas do contexto histórico e sociocultural onde ele está inserido" (SANTOS, 2015, p. 187). Com isso, de modo geral, o que indicamos como interpretação dessa expressão emotiva dos internautas com relação ao esporte e aos atletas paralímpicos é que essa pode ser uma gramática de ação e uma trajetória de leitura do esporte e das pessoas com deficiência que já estavam gravadas e consolidadas nas matrizes culturais do público brasileiro pela mediação histórica e hegemônica feita pela mídia de massa.

Gonçalves, Albino e Vaz (2009) chamam atenção de que a representação social e midiática do esporte paralímpico no Brasil parece somente reproduzir uma narrativa que tradicionalmente é utilizada para se referir ao drama da vida e do sofrimento que a maioria dos atletas e futebolistas brasileiros passam durante as suas infâncias pobres e carentes no país. Nesse sentido, o sofrimento humano e o despertar da emoção aparece como algo inerente ao esporte de maneira geral. Essa questão, no caso do esporte paralímpico, aparenta ganhar contornos e entrelinhas ainda mais demarcadas, pois é candente e sensível aos olhos daqueles que assistem e consomem que os corpos deficientes acabam sugerindo, ou melhor, acabam sendo muitas vezes interpretados como expressão unívoca de histórias trágicas, doloridas e emocionantes.

> Como um elemento constante nas reportagens, a tragédia vai gradativamente se mostrando como fundamental na constituição da imagem dos paratletas, especialmente na relação que essa vai sorrateiramente estabelecendo com a construção do personagem heróico, aquele cai, sofre, mas supera as adversidades e vence (GONÇALVES; ALBINO; VAZ, 2009, p. 153).

É com essa narrativa emocional que o esporte paralímpico parece estar se consolidando na esfera social. Ao reproduzir e reforçar a dimensão emotiva do esporte convencional, construindo personagens heróicos e aparecendo em permanente correlação com o esporte olímpico, o esporte paralímpico está se colocando em risco de se configurar como mais do mesmo, como mais um produto homogêneo da indústria cultural do esporte, assim como discorreram Horkheimer e Adorno (1985) sobre o esquema da cultura de massas.

Pelo que podemos visualizar, tanto no discurso midiático-esportivo, quanto nas postagens feitas pelos internautas no Twitter durante a abertura e o encerramento dos JP Rio 2016, o tom afetuoso e emotivo é predominante, assim como discutiremos na seção seguinte do texto sobre os estigmas do herói e da correlação olímpica reproduzidos pelos internautas. Seja por uma reprodução do modelo hegemônico do telespetáculo esportivo, ou por uma identidade social desenvolvida pelo público que tem se sensibilizado e adotado a causa contra a estigmatização das pessoas com deficiência, a dimensão emocional parece ter se sobreposto à dimensão racional de ver, ler, interpretar e compreender o universo dessas pessoas e o esporte praticado e adaptado a elas.

Estigma

Ao mesmo tempo em que o encantamento e a emoção com os JP e os atletas foram manifestados pelos internautas, de imediato também aqueles foram, em algumas ocasiões, alçados a condição de heróis. Alguns atletas como o Daniel Dias, que devido ao seu histórico de conquistas em edições anteriores teve criada uma agenda de expectativa sobre os resultados dele para a edição de 2016, por vezes foram chamados de "mito" ou de "monstro" como forma de glorificá-los e colocá-los na posição de herói no contexto do esporte paralímpico brasileiro. Isso aconteceu inclusive em algumas postagens realizadas pelo perfil das próprias TVs emissoras oficiais.



Figura 2. Exemplos de postagens da categoria Estigma**. Fonte:** twitter.com

O posicionamento dos atletas com deficiência como mitos, heróis e sobre-humanos, estes quando se faz menção à narrativa das histórias em quadrinhos e cinematográfica dos humanos mutantes com superpoderes, *X-Men*, aparece tanto em postagens do perfil oficial da emissora de TV fechada, como em publicações de internautas. Esta é uma característica que aparece com predominância e reincidência na narrativa midiática sobre o esporte e atletas paralímpicos, é o que se denomina como a narrativa do *supercrip*. Esta forma de se referir a eles é controversa entre os próprios personagens protagonistas do esporte paralímpico, os atletas. Uma parte dos atletas com deficiência gostam e acham importante este tipo de veiculação e compreensão sobre eles, pois acreditam que pode ser uma forma de inspirar mais pessoas com e sem deficiência a buscarem superar os seus limites. Outra parte não acha uma narrativa válida, pois gostariam de ser conhecidos somente como atletas de alto rendimento assim como todos os outros, que

treinam e trabalham muito no dia a dia para conquistar o sucesso esportivo e não possuem nada de especial, muito menos superpoderes (HARDIN; HARDIN, 2004; MARQUES et al., 2014, 2015).

Silva e Howe (2012) discorrem que essa narrativa que busca mitificar atletas paralímpicos como heróis do esporte e da sociedade pode gerar uma ambiguidade na recepção do discurso. Os autores argumentam que, por um lado, a narrativa do *supercrip* pode promover reconhecimento social para as capacidades e habilidades das pessoas com deficiência como um todo, o que seria positivo, visto que é um grupo historicamente estigmatizado e marginalizado por suas limitações. Por outro lado, essa narrativa pode ser geradora de uma pressão social sobre as pessoas com deficiência que não venham a buscar e alcançar os mesmos êxitos esportivos dos atletas paralímpicos. Esta via de reprodução discursiva pode acabar proliferando um alto nível de exigência como regra para as pessoas com deficiência, independente das condições sociais e econômicas que possuem para buscar tal meta. Dessa maneira, segundo os autores, acaba se desenvolvendo a culpabilização da própria vítima do estado social, neste caso as pessoas com deficiência, e podendo se desenvolver nelas a síndrome do realizável (SILVA; HOWE, 2012).

No caso das postagens que mapeamos, os internautas demonstram reconhecer o papel social exercido por aqueles atletas com deficiência que ali estão nos Jogos do Rio/2016. Porém, o que as postagens do perfil oficial da Sportv indicam é que ali está um imperativo discursivo diretamente relacionado com o interesse de criar a identificação do público consumidor que o segue e o consome com aquele que é o seu produto de momento, os JP. Esta é uma estratégia que:

> Comumente, à mídia é atribuída a função de aproximar os leitores e telespectadores dos eventos esportivos aos principais personagens que compõem o espetáculo esportivo, ou seja, os atletas. Esses, por sua vez, transformam-se rapidamente em ídolos e transmissores de mensagens e estereótipos, dotados de um potencial de consumo enraizado na cultura esportiva de massas (MARCHI JÚNIOR, 2001, p. 139).

Ou seja, o que se evidencia nesses dados é que o Sportv utiliza da convergência dos meios e da transcendência da narrativa midiática entre a televisão e o Twitter para perpetuar a identidade do público consumidor com o produto e mantê-lo consumindo com perenidade. Este é um deslizamento e extensão da narrativa mítica do herói esportivo que se reproduz sobre os atletas paralímpicos e que aparenta ter logrado êxito, pois o público manifesta a mesma percepção e sentimento com relação aos protagonistas do espetáculo.

Como afirma Kellner (2003, p. 6):

> A celebridade também é produzida e manipulada no mundo do espetáculo. As celebridades são os ícones da cultura da mídia, os deuses e deusas da vida cotidiana. Para alguém se tornar uma celebridade é preciso ser reconhecido como uma estrela no campo do espetáculo, seja no esporte, no entretenimento ou na política.

No caso do espetáculo paralímpico, visto sob a ótica da rede social, o que se evidencia é que somente pelo fato de estarem ali como protagonistas ou mesmo figurantes da cena esportiva, os atletas com deficiência são narrados como heróis, mitos, monstros do bem pela mídia de massa e compreendidos como tal pelo público que o consome. Os atletas paralímpicos foram, aparentemente, eleitos pelo público antes mesmo de entrarem no cenário principal do espetáculo como modelos de comportamento a ser seguido e reproduzido. Tudo isso pelo simples fato de serem pessoas com algum tipo de deficiência que praticam esporte em alto rendimento, independente das suas condutas pessoais, éticas e morais. A relação paralela existente entre o protagonismo dos atletas no espetáculo esportivo e a figura de herói construída através da narrativa midiática, tal como apontam Santos e Medeiros (2009), no caso do esporte paralímpico parece se configurar para a mídia e para o público consumidor já no credenciamento de cada uma daquelas pessoas com deficiência como atletas de alto rendimento. Esta é uma das principais barreiras para a promoção do esporte paralímpico como fenômeno de inclusão social, pois secundariza a posição dos atletas paralímpicos no âmbito esportivo, enfocando a narrativa e conduzindo o imaginário social ao espetáculo das deficiências em detrimento de valorizar as ações e conquistas esportivas deles (MARQUES, 2016).

Este clamor social dos internautas pelos heróis paralímpicos acaba reproduzindo e reforçando uma narrativa ilusória do puritanismo moral e ético que circunda esse contexto. É como se imaginasse e se acreditasse que:

> Compõem o universo paradesportivo as "pessoas de bem" – os sujeitos justos, porém sofredores, os caridosos, porém desgraçados. É como se a figura do marginal pudesse contaminar o universo paradesportivo. Este universo é purificado pelo sacrifício que impede a entrada de qualquer vestígio da impureza – que podemos compreender como as atividades ilícitas de sobrevivência – e por isso a assepsia social é tão importante (GONÇALVES; ALBINO; VAZ, 2009, p. 155).

Na última postagem da Figura 2 acima é possível verificar um outro exemplo de estigma que persegue e se manifesta com relação ao esporte e aos atletas paralímpicos. Este também é um formato recorrente de como o sentimento paralímpico se revela estar sempre em comparação ao megaevento e à manifestação esportiva correlata dele, que são os Jogos, o esporte e os atletas olímpicos. Em algumas postagens também foram feitas comparações entre elementos de ambas manifestações esportivas como podemos visualizar na figura 3 abaixo.



Figura 3. Exemplos de postagens da categoria Estigma**. Fonte:** twitter.com

As postagens que circularam no Twitter confirmam as hipóteses de Gonçalves, Albino e Vaz (2009). Os autores afirmam que a legitimidade do esporte paralímpico como manifestação social e esportiva da contemporaneidade aparenta estar condicionada ao que ela pode ser em comparação àquela que é a manifestação mais antiga e mais tradicional do esporte convencional, o esporte olímpico. Esta aparentemente inevitável comparação dá a entender que o esporte paralímpico não se sustenta e não é suficiente nele mesmo, ele precisa do correlato olímpico como suporte de visibilidade, de disseminação e de expansão na sociedade.

> Em analogia com o esporte convencional e compartilhando o mesmo tipo de organização racional, o paradesporto reproduz o desporto: vence o melhor, as competições seguem a mesma sistematização, é preciso superação diariamente, constrói-se a partir de muita disciplina e treinamento, está ligado ao rigor técnico. Além do mais, a própria gênese do paradesporto é o desporto, logo, as regras das modalidades sofrem poucas alterações. Sendo assim, o paradesporto não tem o objetivo de romper com a estrutura desportiva, ao contrário, quanto mais próxima, maior sua legitimidade (GONÇALVES; ALBINO; VAZ, 2009, p. 159).

Diferente dessa via de correlação dependente e de sobreposição do olímpico ao paralímpico recorrente na narrativa da mídia de massa, o que podemos visualizar na primeira e na última postagem apresentadas na Figura 3 acima é que o estigma de correlação do paralímpico com o olímpico também pode servir de elemento reflexivo das características de ambas manifestações esportivas e também dos modos como são apropriadas e veiculadas pela mídia de massa. Na primeira postagem, o internauta chama a atenção para o caráter mais tecnológico dos JP, apontando o contraponto dos Olímpicos como um evento mais humano. Este tema remete à problemática da robotização ciborgue dos atletas com deficiência que utilizam próteses e cadeiras de rodas com tecnologias de ponta e, por vezes, acabam se percebendo e sendo percebidos como máquinas, podendo se destituir aos poucos da percepção do público sobre as condições humanas de existência desses atletas. Por outro lado, "isso pode ser visto como um estímulo semiótico a pautar e mediar novos esquemas de percepção do híbrido, inclusive, ajudar a refutar certos entendimentos em relação à pureza do esporte" (ZOBOLI; QUARANTA; MEZZAROBA, 2013).

Na outra postagem, a internauta problematiza a diferença de visibilidade que o esporte paralímpico tem na mídia em comparação com o esporte olímpico. Esta diferença do espaço midiático destinado à ambas manifestações esportivas já foram identificadas e evidenciadas em dados (NOVAIS; FIGUEIREDO, 2010), porém a postagem da internauta revela que o público interessado em esporte e em esporte paralímpico também percebe e está atento a esta distinção e desigualdade. O início desta constatação por parte do público e uma possível reivindicação permanente por mais espaço midiático para o esporte paralímpico através das redes sociais pode ser um catalisador da virada desse quadro na narrativa da mídia de massa, em específico na televisão, considerando que esse mesmo público são as audiências pelas quais os meios de comunicação de massa tanto buscam para sua sustentação e enriquecimento comercial. Neste caso em específico, podemos visualizar o exemplo da cultura participativa operando como um meio possível de emancipação e mobilização social em contraponto à tese da alienação das massas.

Capacidades e habilidades

Algumas capacidades e habilidades dos atletas paralímpicos também foram exaltadas pelos internautas. Esta característica de retratar os atletas é de suma importância para o processo de desestigmatização da pessoa com deficiência, de acordo com Pappous et al (2009). Segundo os autores, é comum os meios de comunicação e/ou os atores do processo de construção da notícia – em nosso caso, internautas e meios de comunicação – enfatizarem a deficiência de maneira trágica, como vítimas de um determinado acontecimento. Entretanto, como podemos visualizar na figura 4 abaixo, os atletas e o esporte paralímpico, diferentemente, foram associados à braços fortes, à garra, à soberania, à força, características que indicam uma percepção desse contexto e dessa manifestação esportiva como espaço social para o desenvolvimento e a apresentação de capacidades e habilidades.



Figura 4. Exemplos de postagens da categoria Capacidades e Habilidades**. Fonte:** twitter.com

Existem ações internas do movimento paralímpico, baseadas em perspectivas de entidades diplomáticas mundiais como a Organização Mundial da Saúde (OMS), que têm orientado e sugerido maneiras mais indicadas para se referir e tratar as pessoas com deficiência de modo a estabelecer relações mais inclusivas

para este grupo nos diferentes âmbitos da sociedade, sobretudo no campo esportivo. A Associação Paralímpica Britânica (*British Paralympic Association - BPA*) e o Comitê Paralímpico Internacional (*International Paralympic Committee - IPC*) desenvolveram guias de orientações linguísticas e comportamentais que ajudam nesse processo de inclusão e desestigmatização das pessoas e atletas com deficiência (BRITISH PARALYMPIC ASSOCIATION, 2012; INTERNATIONAL PARALYMPIC COMMITTEE, 2014). No caso do Comitê Paralímpico Brasileiro (CPB), a entidade chancelou uma ação semelhante desenvolvida por Pappous e Souza (2016) para os JP Rio/2016. Esses guias indicam a necessidade de se voltar o olhar para as capacidades e habilidades das pessoas e atletas com deficiência, evitando termos, expressões, imagens e formas de se relacionar que ressaltem ou destaquem a limitação deles. Por exemplo, sugere-se que no lugar de utilizar o vocativo "atleta com deficiência" utilize-se "nadador", "corredor", assim como se utiliza para o esporte e os atletas convencionais. Segundo os guias, desenvolvidos com base em investigações científicas, essa seria uma forma de voltar o foco para as capacidades e habilidades deles. O IPC inclusive sugere uma mudança também no termo comumente utilizado, *disability* (deficiência), para *impairment*, que pode ser traduzido e compreendido como limitação ou comprometimento, excluindo assim a perspectiva paradoxal entre deficiência e eficiência (INTERNATIONAL PARALYMPIC COMMITTEE, 2014). Nesse sentido, de acordo com os dados coletados no Twitter, parece haver um alinhamento da percepção do público com essa mudança de paradigma ao se voltar às potencialidades esportivas dos atletas com deficiência.

Do ponto de vista daquilo que foi exposto pelos internautas e também pela TV Brasil em seu perfil oficial, como pudemos visualizar na figura 4 acima, o foco esteve voltado para aquilo que os atletas paralímpicos poderiam apresentar durante os JP, ou seja, suas capacidades e habilidades. Esta é uma manifestação do público e da rede de televisão que coaduna com aquilo que o próprio IPC tem em seu plano estratégico como um dos objetivos principais para o movimento paralímpico, que é o empoderamento das pessoas com deficiência em todos os âmbitos sociais através do exemplo revelado pelos grandes feitos esportivos (INTERNATIONAL PARALYMPIC COMMITTEE, 2015).

Por outro lado, esses dados encontrados no Twitter também se contrapõem, em parte, àquilo que revelam os dados de Purdue e Howe (2012). Os autores identificaram que o empoderamento das pessoas e atletas com deficiência através do esporte paralímpico pode estar dividido entre os vitoriosos e os derrotados. Atletas multimedalhistas afirmaram se sentirem empoderados após ingressarem no esporte e alcançarem tantas conquistas. Por outro lado, outra atleta não tão vitoriosa afirmou não perceber o esporte paralímpico como um meio de tanto empoderamento social assim como afirma o IPC. Nesse sentido, como defendem Purdue e Howe (2012), mesmo o esporte e os JP sendo um importante contributo social para a participação ativa das pessoas com deficiência na sociedade, seja pela ação esportiva ou pelo estilo de vida, o movimento paralímpico está por se caracterizar como um espaço social fechado. "Uma loja fechada" onde somente aqueles autorizados (atletas vitoriosos) são empoderados e reconhecidos. Desse modo, o empoderamento torna-se um capital cultural reservado a um grupo seleto (PURDUE; HOWE, 2012). Isso difere, portanto, daquilo que podemos ver nos dados encontrados no Twitter, os quais demonstram que a percepção do público e também a produção da emissora de TV pública concentrava o foco nas características dos atletas, reconhecendo o feito deles na prática esportiva, independente da vitória ou da derrota.

A forma de se expressar do público e da TV Brasil com relação aos atletas e ao esporte paralímpico podem representar também a superação de preconceitos quanto às capacidades de pessoas com deficiência, ou ao menos o início desse avanço. Coakley (2009) argumenta que uma das barreiras para a participação e inclusão social de pessoas com deficiência e também de idosos no mundo do esporte em seus mais diferentes níveis e formas de prática, é o preconceito que existe quanto ao que esses grupos de pessoas são capazes de fazer. Esta é uma problemática existente pelo fato da sociedade se organizar e sustentar o que o autor chama de império da normalidade, gerando assim o "ableism", o que em tradução livre poderíamos chamar de preconceito de capacidades (COAKLEY, 2009). Neste império acredita-se que somente aqueles que possuem corpos que correspondem aos imaginários ideais de força, que têm músculos hipertrofiados e bem definidos, ou que são anatomicamente completos, com todos os membros e sentidos em pleno funcionamento, ou com medidas antropométricas perfeitas, peso corporal e massa muscular ideais de acordo com a altura, são estas as pessoas que estão aptas e são capazes de praticar uma modalidade esportiva. Assim, aqueles que não se enquadram nesses padrões estariam automaticamente excluídos ou marginalizados no universo esportivo. Contudo, diferentemente dessa perspectiva normalista, o que as postagens do Twitter revelam é uma forma de visualizar, potencializar e acreditar naquilo que aquelas pessoas e atletas com deficiência poderiam fazer participando do universo esportivo. São dados que revelam

um modo mais democrático de conceber o fenômeno esportivo que acaba por desconstruir, ou ao menos iniciar, o desmonte do império da normalidade e do *ableism*.

Inclusão ou segregação social

O sentimento paralímpico pôde ser manifesto através do Twitter pelo público que acompanhava as transmissões oficiais de uma forma que também questionava e criticava diferentes aspectos do contexto do paralimpismo. Entre eles estiveram questionamentos sobre a inclusão ou exclusão social de pessoas com deficiência através do formato que o megaevento é realizado, problematizações sobre acessibilidade, sobre preconceito e outros fatores.



Figura 5. Exemplos de postagens da categoria Inclusão ou Segregação Social**. Fonte:** twitter.com

Os questionamentos e críticas sobre a separação entre os paralímpicos e olímpicos feita pelos internautas "Fernanda OK" e "Oliveira Lima", como podemos ver na Figura 5 acima, nos indica que o público, ou parte dele, não compreende o espaço e tempo dos JP como universo unânime de inclusão social. Ao apontar essa problemática e levantar essa polêmica na rede social o público coloca em questão o modelo, a concepção e a própria narrativa que comumente se constrói em torno do esporte e dos JP como o maior e o mais exemplar fenômeno de inclusão social para pessoas com deficiência.

O processo de inclusão social pode se caracterizar em diferentes estágios e/ou dimensões, são elas: a exclusão, a integração e a inclusão. A primeira representa a evidente segregação de determinado grupo social com relação ao restante da sociedade, ou seja, quando aquele está totalmente fora da interação e das relações sociais nos mais diversos âmbitos. A segunda, da integração, representa um estágio inicial de inclusão, que é quando o grupo marginalizado tem espaços de participação e interação na sociedade, porém isso é feito somente entre os pares igualmente marginalizados, ou seja, o grupo consegue acessar as diferentes

ambiências sociais, mas não tem interação com os demais grupos da sociedade. Por fim, o estágio mais avançado desse processo ocorre quando os grupos marginalizados são postos em participação e interação direta com os demais âmbitos e grupos da sociedade (CIDADE; FREITAS, 2009; MARQUES; GUTIERREZ, 2014). Visto isso, o questionamento feito pelos internautas no Twitter problematiza e se contrapõe ao discurso tradicionalmente veiculado de que o esporte e os JP são um exemplo de inclusão social para as pessoas com deficiência. O que esse conteúdo chama atenção é de que do ponto de vista do processo de inclusão, do modo como se organiza e se desenvolve essa manifestação esportiva, não podemos considerá-la um fenômeno integral de inclusão social, e sim uma forma de integração.

A questão da inclusão e da igualdade social existente em torno do esporte e dos JP se configuraria, então, mais como um fenômeno discursivo do que como efetivação prática, pois o que os internautas solicitam é "inclusão na prática". Nesse sentido:

> [...] o que aqui acusamos é esse idílio fantasioso que é criado para justificar os jogos para esse público, esse ranço histórico de se falar de igualdade e de inclusão quando se tem como pano de fundo questões de cunho histórico permeado pelo estigma da exclusão e do desrespeito à condição de diferença. Já que a igualdade – no que tange à condição humana – é fantasiosa, que seja respeitada então a diferença, que se criem possibilidades para que o acolhimento e o respeito à diferença sejam contemplados (ZOBOLI; QUARANTA; MEZZAROBA, 2013, p. 267).

Sem desconsiderar a existência do esporte e dos JP como importante manifestação sociocultural que representa um meio para larga participação social de pessoas com deficiência por todo mundo e também um potencial espaço de visibilidade e marketing social para a valorização e reconhecimento dessas pessoas, o que a percepção do público revela é que a efetiva inclusão social parece não ocorrer. Ou seja, o público demonstra perceber também essa manifestação do esporte como um exemplo de integração, mas não necessariamente inclusão das pessoas com deficiência. O público se mostrou atento ao paradoxo existente entre o que se discursa e o que se realiza na prática, pois ainda que as pessoas com deficiência estejam ali representadas na possibilidade de praticar esporte, isso não é passível de ocorrer junto às pessoas sem deficiência, como por exemplo nos Jogos Olímpicos. Quando isso ocorre, como no caso de Pistórius nos Jogos Olímpicos de Londres 2012, a situação é tratada como algo excepcional e surpreendente (ZOBOLI; QUARANTA; MEZZAROBA, 2013; ZOBOLI et al., 2014; 2016).

O que o público reivindica, inclusive, nem se refere objetivamente à junção integral das competições, colocando pessoas com e sem deficiência para competirem juntas, mas sim que ao menos as cerimônias de abertura e encerramento ocorram juntas para ambos. Dessa forma, sobretudo, a reivindicação dos internautas ainda segue respeitando aquilo que talvez sejam os limites do esporte paralímpico como manifestação esportiva conformada sob os moldes e características do esporte moderno, pautado no ideal da racionalização e da igualdade de chances. Ou seja, o protesto do público não alcança o extremo daquilo que seria a efetivação da inclusão social total das pessoas com deficiência através do esporte, estando em direta convivência ambiental e interação social com pessoas sem deficiência. É uma reivindicação que se limita aos rituais de festa e celebração dos movimentos olímpicos e paralímpicos. Então, essa manifestação dos internautas demonstra o que seria um primeiro passo para o avanço do processo de inclusão social das pessoas com deficiência no esporte, mas um passo que necessitaria de alguns outros mais para sua efetivação. "A participação de "deficientes" em meio aos "normais" pode ser vista como mais uma ferramenta a contribuir com a construção da cultura e do ethos inclusivo" (ZOBOLI; QUARANTA; MEZZAROBA, 2013, p. 284).

Marques e Gutierrez (2014), como contra-argumento ao valor do processo de inclusão social através do esporte, apontam o paradoxo da valorização esportiva e social que ocorre para alguns grupos de pessoas com deficiência e que para outros não ocorre no movimento paralímpico, se constituindo do mesmo modo como o modelo de exclusão intrínseca do DNA do esporte convencional de alto rendimento. Eles colocam em tensionamento a importância e o valor da participação das pessoas com deficiência no universo esportivo, com o porém da destinação de campos específicos de práticas e disputas para esse grupo social, tal como os JP, podendo indicar também uma forma de segregação. Nesse sentido, o que as postagens dos internautas nos revelam é que a problematização do esporte paralímpico como espaço segregador, ou ao menos como um espaço somente de integração e não de inclusão, não circula somente em âmbito acadêmico e filosófico do esporte, mas é uma preocupação candente também na sociedade e no senso comum a partir daqueles que consomem o esporte paralímpico.

Os internautas ainda se manifestaram também sobre a falta de acessibilidade na própria transmissão televisiva dos JP, cobrando a presença da tradução em LIBRAS (Língua Brasileira de Sinais) para os espectadores surdos e também a janela de audiodescrição para os cegos. Essa cobrança também revela mais um paradoxo desse universo midiático-esportivo do movimento paralímpico, pois se configura como uma veiculação discursiva de inclusão social através do esporte, mas que não utiliza estratégias e mecanismos de acessibilidade para os próprios consumidores que venham a ter algum tipo de deficiência. Isso significa, em um todo, que se o discurso midiático se caracteriza como um obstáculo para a representação social do esporte paralímpico como fenômeno de inclusão social devido à sua abordagem sensacionalista, preocupada eminentemente com as dimensões comerciais do mesmo como produto (MARQUES, 2016), nem mesmo a estrutura da veiculação midiática favorece a ampliação dos públicos consumidores, ou seja, das audiências, pois, como citado pelos internautas no Twitter, sem as ferramentas de acessibilidade nas transmissões automaticamente se exclui desse universo, por exemplo, as pessoas com deficiência auditiva e visual que venham a ter interesse em consumir o esporte paralímpico.

A manifestação crítica dos internautas nos traz mais evidências de que a rede social pode se conformar como esse espaço de subversão interpretativa e de questionamento do discurso hegemônico veiculado pela mídia (esportiva). Este pode ser um exemplo de que a circulação de conteúdos pelas redes sociais e a participação ativa e coletiva do público pode se configurar como um discurso contra hegemônico ao dos meios de comunicação de massa, tradicionais parceiros e sócios do esporte como produto comercial. É a cultura participativa e a inteligência coletiva, conforme descritas por Jenkins (2009), servindo à problematização do esporte paralímpico como fenômeno social, midiático e também esportivo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

De acordo com o objetivo do nosso trabalho, buscamos ao longo da discussão analisar os conteúdos que foram produzidos e circularam durante as cerimônias de abertura e encerramento dos JP do Rio/2016 na rede social Twitter. Cabe destacar que o dia 07/09/2016 obteve o maior número de postagens (496) sobre a abertura do megaevento, indicando que a chamada das emissoras TV Brasil e Sportv esteve mais intensa nesse período se comparado ao dia de encerramento 18/09/2016 no qual, tiveram apenas 71 postagens.

Reunimos postagens tanto oficiais das televisões transmissoras, como também do público consumidor das transmissões, que expressaram diversificados sentimentos, impressões e percepções acerca dos JP, do esporte paralímpico, do esporte para pessoas com deficiência e também dos atletas com deficiência. As postagens revelaram o compartilhamento tanto de um sentimento de emoção, afeto e encantamento com a simples existência e a possibilidade da prática esportiva por parte de pessoas com deficiência, como também de reconhecimento das capacidades e habilidades desses atletas, inclusive alçando eles ao status de heróis. Também encontramos postagens que questionam e criticam a formatação do esporte paralímpico como espaço de inclusão e acessibilidade.

Através do conteúdo recolhido na rede social pelas *hashtags* oficiais das emissoras de televisão pudemos identificar como o movimento paralímpico se manifesta de maneira plural desde as detentoras dos direitos de transmissão pela TV, até o público que assistiu aos JP de 2016 pela televisão. A possibilidade de participação coletiva permitida pela característica convergente da mídia contemporânea na cobertura do megaevento esportivo revelou que o esporte paralímpico é um fenômeno multifacetado, podendo ser considerado, assim, como uma legítima manifestação do esporte na contemporaneidade. As postagens expõem que o paralimpismo é um movimento com potente apelo emocional, mas que também, quando transformado em fenômeno midiático, pode despertar debate e criticidade em torno do universo das pessoas com deficiência e do esporte para esse grupo social.

Assim, diante das reflexões apontadas neste texto, reconhecemos que é valido compreender e dar voz aos sujeitos que estão diretamente interessados com a informação e/ou, até mesmo, em produzir a informação como pudemos ver neste trabalho. Estivemos a menos de um ano no período conhecido como a "década dos megaeventos" e não encontramos trabalhos que se propuseram a refletir sobre mídia, recepção e esporte para pessoas com deficiência. Ou seja, há um amplo campo de atuação que deve ser explorado no campo acadêmico e que possibilita analisar criticamente o modo como a informação chega no telespectador/internauta/público.

REFERÊNCIAS

BARDIN, L. **Análise de conteúdo.** Lisboa: Edições 70, 2009.

BETTI, M. Esporte na mídia ou esporte da mídia? **Motrivivência**, n. 17, p. 1–3, 2001.

BRITISH PARALYMPIC ASSOCIATION. **Guide to Reporting on Paralympic Sport.** Reino Unido, ParalympicsGB, 2012. Disponível em: http://paralympics.org.uk/uploads/documents/imported/ParalympicsGB_Guide_to_Reporting_on_Paralympic_Sport_-_June_2012.pdf

BRUCE, T. Us and them: the influence of discourses of nationalism on media coverage of the Paralympics. **Disability & Society**, v. 29, n. 9, p. 1443–1459, 2014.

BUYSSE, J. A. M.; BORCHERDING, B. Framing Gender and Disability: A Cross-Cultural Analysis of Photographs From the 2008 Paralympic Games. **International Journal of Sport Communication**, v. 3, n. 3, p. 308–321, 2010.

CHANG, I. Y. et al. One world, One dream: A Qualitative Comparison of the Newspaper Coverage of the 2008 Olympic and Paralympic Games. **International Journal of Sport Communication**, v. 4, n. 1, p. 26–49, 2011.

CIDADE, R. E. A.; FREITAS, P. S. DE. **Introdução à Educação Física adaptada para pessoas com deficiência**. Curitiba: Editora da UFPR, 2009.

COAKLEY, J. Age and Ability: Barriers to participation and inclusion? In: **Sports in Society: Issues and Controversies**. 11. ed. New York: Mc Graw Hill Education, 2009. p. 302–349.

DE LÉSÉLEUC, E.; PAPPOUS, A.; MARCELLINI, A. La cobertura mediática de las mujeres deportistas con discapacidad: Análisis de la prensa diaria de cuatro países europeos durante los Juegos Paralímpicos de Sidney 2000. **Apunts, Educación Física y Deportes**, v. 97, n. 3, p. 80–88, 2009.

DE LÉSÉLEUC, E.; PAPPOUS, A.; MARCELLINI, A. The media coverage of female athletes with disability: Analysis of the daily press of four European counties during the 2000 Sidney Paralympic Games. **European Journal for Sport and Society**, v. 7, n. 3–4, p. 283–296, 2010.

FIGUEIREDO, T. H. Gênero e Deficiência – uma análise da cobertura fotográfica dos Jogos Paralímpicos de 2012. **Estudos em Jornalismo e Mídia**, v. 11, n. 2, p. 484–497, 2014.

GONÇALVES, G. C.; ALBINO, B. S.; VAZ, A. F. O herói esportivo deficiente: aspectos do discurso em mídia impressa sobre o Parapan-Americano 2007. In: PIRES, G. DE L. (Ed.). . **"Observando" o Pan Rio/2007 na mídia**. Florianópolis: Tribo da Ilha, 2009. p. 149–167.

HARDIN, M.; HARDIN, B. The "Superscrip" in sport media: Wheelchair athletes discuss hegemony's disabled hero. **SOSOL: Sociology of Sport Online**, v. 7, n. 1, p. 1–14, 2004.

HARDIN, M.; HARDIN, B. Performance or Participation...Pluralism or Hegemony? Images of Disability and Gender in Sports 'n Spokes Magazine. **Disability Studies Quarterly**, v. 25, n. 4, p. 1–18, 2005.

HILGEMBERG, T. Do Coitadinho ao Super-heroi Representação social dos atletas paraolímpicos na mídia brasileira e portuguesa. **Ciberlegenda**, n. 30, p. 48–58, 2014.

HORKHEIMER, M.; ADORNO, T. W. **Dialética do Esclarecimento**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985.

HOWE, P. D. Cyborg and Supercrip: The Paralympics Technology and the (Dis)empowerment of Disabled Athletes. **Sociology**, v. 45, n. 5, p. 868–882, 2011.

INTERNATIONAL PARALYMPIC COMMITTEE. **Guide to reporting on persons with an impairment,** Bonn, International Paralympic Committee, 2014. Disponível em: https://www.paralympic.org/sites/default/files/document/141027103527844_2014_10_31+Guide+to+reporting+on+persons+with+an+impairment.pdf

INTERNATIONAL PARALYMPIC COMMITTEE. **Strategic plan 2015 to 2018: strategic outlook for the International Paralympic Committee,** Bonn, IPC, 2015.

JENKINS, H. **Cultura da Convergência**. São Paulo: Aleph, 2009.

CRUZ JUNIOR, G.; FERMINO, A. L.; PIRES, G. D. L. O Brasil na Copa, a Copa no Brasil: registros de agendamento para 2014 na cobertura midiática da Copa da África do Sul. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, v. 37, n. 3, p. 251–257, 2015.

KELLNER, D. A cultura da mídia e o triunfo do espetáculo. **Líbero**, v. 6, n. 11, p. 4–15, 2003.

MARCHI JÚNIOR, W. "Sacando" o voleibol: do amadorismo à espetacularização da modalidade no Brasil (1970-2000). 2001. 267 f. **Tese** (Doutorado em Educação Física) – Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2001.

MARQUES, R. F. R. et al. A abordagem midiática sobre o esporte paralímpico: o ponto de vista de atletas brasileiros. **Movimento**, v. 20, n. 3, p. 989–1015, 2014.

MARQUES, R. F. R. et al. A abordagem mediática sobre o desporto paralímpico: perspetivas de atletas portugueses. **Motricidade**, v. 11, p. 123–147, 2015.

MARQUES, R. F. R. A contribuição dos Jogos Paralímpicos para a promoção da inclusão social: o discurso midiático como um obstáculo. **Revista Brasileira de Educação Física e Esporte**, n. 108, p. 87–96, 2016.

MARQUES, R. F. R.; GUTIERREZ, G. L. **O Esporte Paralímpico no Brasil: profissionalismo, administração e classificação de atletas**. São Paulo: Phorte Editora, 2014.

MARTÍN-BARBERO, J. **Ofício de cartógrafo: travessias latino-americanas da comunicação na cultura.** São Paulo: Edições Loyola, 2004.

MARTÍN-BARBERO, J. **Dos meios às mediações: comunicação, cultura e hegemonia.** Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2009.

MENDES, D. DE S. et al. A campanha #foraricardoteixeira no *Twitter*: interações sociais e debate. **Revista Brasileira de CIências do Esporte**, v. 35, n. 4, p. 929–946, 2013.

NOVAIS, R. A.; FIGUEIREDO, T. H. A visão bipolar do pódio: olímpicos versus paraolímpicos na mídia on-line do Brasil e de Portugal. **Logos 33**, v. 17, n. 2, p. 78–89, 2010.

PAPPOUS, A. et al. La visibilidad de la deportista paralímpica en la prensa escrita española. **Revista de Ciencias del Ejercicio**, v. 3, n. 2, p. 12–32, 2007.

PAPPOUS, A. et al. La representación mediática del deporte adaptado a la discapacidad en los medios de comunicación. **Ágora para la EF y el Deporte**, n. 9, p. 31–42, 2009.

PAPPOUS, A. S.; MARCELLINI, A.; DE LÉSÉLEUC, E. From Sydney to Beijing: the evolution of the photographic coverage of Paralympic Games in five European countries. **Sport in Society**, v. 14, n. 3, p. 345–354, 2011a.

PAPPOUS, A. S.; MARCELLINI, A.; DE LÉSÉLEUC, E. Contested issues in research on the media coverage of female Paralympic athletes. **Sport in Society**, v. 14, n. 9, p. 1182–1191, 2011b.

PAPPOUS, A.; SOUZA, D. L. DE. **Guia para a mídia: Como cobrir os Jogos Paralímpicos Rio 2016**, 2016. Disponível em: https://static.kent.ac.uk/media/news/2016/05/GUIA-paralimpicos.pdf

PEREIRA, R. S. et al. Luzes, câmeras, ação: enquadrando a cerimônia de abertura dos Jogos Olímpicos/2012. In: PIRES, G. D. L.; LISBÔA, M. M. (Orgs.). **Quem será "mais Brasil" em Londres/2012? : enquadramentos no telejornalismo esportivo dos Jogos Olímpicos**. Florianópolis: Tribo da Ilha, 2015. p. 53–72.

PIRES, G. D. L. **A Educação Física e o discurso midiático: abordagem crítico-emancipatória**. Ijuí: Unijuí, 2002.

PURDUE, D. E. J.; HOWE, P. D. Empower, inspire, achieve: (dis)empowerment and the Paralympic Games. **Disability & Society**, n. June 2015, p. 1–14, 2012.

SANTOS, D. S. DOS; MEDEIROS, A. G. A. O discurso midiático e as representações sociais do esporte: o atleta como modelo de comportamento. **Pensar a prática**, v. 12, n. 3, p. 1–11, 2009.

SANTOS, S. M. Dos. Mídia, esporte e cultura esportiva: um ensaio com a teoria das mediações culturais de Jesús Martín-Barbero. **Revista Tempos e Espaços em Educação**, v. 8, n. 17, p. 175–190, 2015.

SCOLARI, C. A. **Narrativa Transmedia: cuando todos los medios cuentan**. Barcelona: Centro Libros PAPF, 2013.

SILVA, C. F.; HOWE, P. D. The (In)validity of Supercrip Representation of Paralympian Athletes. **Journal of Sport & Social Issues**, v. 36, n. 2, p. 174–194, 2012.

THOMAS, N.; SMITH, A. Preoccupied with able-bodiedness? An analysis of the British media coverage of the 2000 Paralympic Games. **Adapted Physical Activity Quarterly**, v. 20, n. 2, p. 166–181, 2003.

TYNEDAL, J.; WOLBRING, G. Paralympics and Its Athletes Through the Lens of the New York Times. **Sports**, v. 1, n. 1, p. 13–36, 2013.

ZHAO, B. H. The representation of disabled athletes in the Chinese and UK press during Beijing 2008: A comparison. **Sport & Society**, p. 1–6, 2008.

ZOBOLI, F. et al. Um Olímpico Paraolímpico: uma análise midiática da participação de Oscar Pistorius nas Olimpíadas de Londres 2012. In: MEZZAROBA, C. et al. (Orgs.). **As Olimpíadas e as Paraolimpíadas de 2012 na mídia sergipana**. São Cristóvão: Editora da UFS, 2014. p. 153–188.

ZOBOLI, F. et al. O corpo híbrido: análise midiática da participação do atleta Oscar Pistorius no Mundial de Atletismo de 2011. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, v. 38, n. 1, p. 26–33, 2016.

ZOBOLI, F.; QUARANTA, A. M.; MEZZAROBA, C. Oscar Pistórius, um deficiente eficiente? Considerações sobre a segregação/inclusão no paradesporto: um olhar a partir da mídia. **Atos de Pesquisa em Educação PPGE/ME FURB**, v. 8, n. 1, p. 259–286, 2013.

MINIBIOGRAFIA



Silvan Menezes dos Santos (bammenezes90@gmail.com)
ORCID: https://orcid.org/0000-0002-8250-5891

Doutor em Educação Física na linha de pesquisa Esporte, Lazer e Sociedade pela Universidade Federal do Paraná com estágio de doutorado sanduíche na Universidad Cardenal Herrera, em Valencia, Espanha (2018). Mestre em Educação Física, na linha de pesquisa Teoria e Prática Pedagógica pela Universidade Federal de Santa Catarina (2014). Licenciado em Educação Física pela Universidade Federal de Sergipe (2011). Pesquisador do Laboratório e Observatório da Mídia Esportiva (LaboMídia/UFSC/UFS) e do Laboratório de Estudos e Pesquisas Socioculturais do Esporte Adaptado (Lepscea/UFPR). Currículo Lattes: http://lattes.cnpq.br/2939008930884704



Antonio Luis Fermino (antonioluisf@gmail.com)
ORCID: https://orcid.org/0000-0003-0709-0152

Doutorando em Educação Física na Universidade Federal do Paraná - UFPR. Mestre em Educação pela Universidade Federal de Santa Catarina - UFSC (2012). Licenciado em Educação Física pela Universidade do Vale do Itajaí - UNIVALI (2009). Atua como pesquisador no Laboratório de Estudos e Pesquisas Socioculturais sobre o Esporte Adaptado (LEPSCEA/UFPR), no Laboratório e Observatório da Mídia Esportiva (LABOMIDIA/UFSC) e no grupo de estudos Corpo, Educação e Cultura (COEDUC/UFMT). Currículo Lattes: http://lattes.cnpq.br/4590935914592470



Bianca Natália Poffo (bia.poffo@hotmail.com)
ORCID: https://orcid.org/0000-0001-5710-2882

Doutoranda no Programa de Pós-graduação em Educação Física da Universidade Federal do Paraná. Mestre em Educação Física pelo Programa de Pós-Graduação em Educação Física da Universidade Federal de Santa Catarina. Licenciada em Educação Física pela UFSC (2011). Membro Pesquisadora do Laboratório e grupo de estudos Observatório da Mídia Esportiva - LaboMídia (CDS/UFSC) e do Centro de Estudos e Pesquisas em Esporte, Lazer e Sociedade (CEPELS/UFPR). Membro pesquisadora do Laboratório de estudos e pesquisas socioculturais do esporte adaptado (LEPSCEA/UFPR) e da Academia Paralímpica Brasileira (APB). Currículo Lattes: http://lattes.cnpq.br/7579433861775468



Éliton Clayton Rufino Seára (elitonseara@gmail.com)
ORCID: https://orcid.org/0000-0003-3500-475X

Doutorando no programa Interdisciplinar em Ciências Humanas na Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Tem mestrado em Educação pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). É licenciado em Educação Física pela Universidade do Vale do Itajaí (UNIVALI). Membro do Laboratório e Observatório da Mídia Esportiva (LABOMIDIA/UFSC). Currículo Lattes: http://lattes.cnpq.br/5368746525848487